

A COMPREENSÃO VETO-TESTAMENTÁRIA DE HISTÓRIA¹⁾

Dr. Eberhard v. Waldow

É singular que, em toda a Bíblia, não encontramos nenhum termo para isto que chamamos de História. Mas seria totalmente errôneo querer afirmar a partir daí, que a Bíblia não tem nada a ver com História, que aqui se trata apenas de Religião, de Deus ou de uma idéia de Deus. O fato é exatamente o oposto. Olhem para o Velho Testamento! Aqui quase todos os livros têm relação com História. Ou é contado o que aconteceu; assim ocorre desde Gênesis até o livro de Ester. Ou a História contemporânea é interpretada e daí deduzida a História do futuro; assim ocorre nos livros dos profetas.

Quem, pois, não se der uma vez o trabalho de ler como um todo estes livros do Velho Testamento, terá inicialmente a impressão de que está diante de uma porção de histórias. Assim, nós falamos, p. ex., da história da criação, da história da torre de Babel, da história do sacrifício de Isaque etc., etc. Mas enquanto lermos apenas estas histórias isoladas, nunca entenderemos o Velho Testamento. Estas histórias isoladas são apenas partes de um todo maior, partes de uma exposição histórica contínua. São como pérolas enfileiradas num fio e exatamente este fio é a exposição da História que o povo de Israel viveu.

Apenas este reconhecimento nos dá o direito de indagar da questão sobre a compreensão veto-testamentária de História. E ele também nos dá a possibilidade de responder a esta questão, embora de certa maneira o Velho Testamento teórica e fundamentalmente nada diga sobre História e nunca seja usado um vocábulo para História.

Mas antes de examinarmos as fontes veto-testamentárias a respeito da sua compreensão de História, faremos bem em tornar claro a nós mesmos o que entendemos sob os conceitos de História e Historiografia. Como já demos a entender, o relato de fatos e acontecimentos isolados, ainda não é historiografia. Isto se pode fazer sem jamais ter refletido sobre História. Uma compreensão de História só existe onde o historiador relata mais acontecimentos em seqüência cronológica e com isto os relaciona entre si, condiciona um ao outro; quando eu pergunto como e por quê tudo pôde acontecer desta maneira;

1) Palestra proferida a 2 de julho de 1963, perante a Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul. Para a tradução para o português agradeço ao acadêmico Waldir Berndt, do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas.

quando eu pergunto pela força propulsora ou pelo autor de todo o acontecido e pela idéia que domina tudo. Para nós é interessante constatar que tal compreensão e exposição de Histórias só exista muito raramente na antiguidade. De modo geral nós só conhecemos um povo no Oriente Antigo, que pôde escrever História neste sentido e êste foi o povo de Israel. E suas exposições históricas estão no nosso Velho Testamento. Outros povos, tais como o egípcio, o sumério, o babilônio ou o assírio, cuja significação histórico-cultural é muito maior que a de Israel, não estavam em condições de expor História. Eles nunca foram além de crônicas secas e sem espírito.

Israel e com êle a sua literatura apresentada no Velho Testamento, tomam, portanto, uma posição privilegiada no Oriente Antigo. E esta posição privilegiada não só nos autoriza, como nos obriga mesmo a perguntar pela compreensão de História de Israel e pela razão para esta posição privilegiada.

Agora a nossa primeira pergunta deverá ser: A partir de que época escreveu-se História em Israel? As primeiras tentativas de uma historiografia veto-testamentária têm origem no tempo dos primeiros reis, Davi e Salomão (cêrca de 1.000-930 a.C.). Isto é relativamente tarde, pois Israel viveu História muito antes. Por isto se disse que só no tempo de Davi e Salomão Israel teve a maturidade intelectual necessária para a visão conjunta da História. Naturalmente isto é muito difícil de averiguar. Assim se torna necessário mencionar uma outra razão: o interêsse por uma historiografia só pôde nascer quando Israel mesmo pôde intervir ativamente na História de seu meio de maneira formadora e determinante. Mas isto só pôde acontecer quando as tribos israelitas se tinham organizado em Estado; i.é, era necessário que houvesse um rei com o qual os reis dos povos vizinhos tivessem que contar. Mas isto só aconteceu — salvo no curto intervalo do reinado de Saul — a partir de Davi (1.000-960).

Nesta época têm origem os primórdios de uma historiografia. Naquele tempo, por determinação dos reis — de modo análogo com o exemplo de cutras côrtes reais — surgiram Diários e Crônicas. Êles registravam acontecimentos notáveis, tais como guerras, construções e fatos semelhantes. Mas isto ainda não é historiografia. Esta — como vimos — também nasceu então, mas singularmente não como determinação governamental na côrte do rei, mas nasceu anônima, algures entre o povo. As mais velhas destas historiografias são «A História da Ascensão de Davi»: 1º Sam. 16:14 — 2º Sam. 5:25; e a «História da sucessão de Davi»: 2º Sam. 7:9 até cap. 20 e 1º Reis 1 e 2. O conjunto da História da época dos reis foi exposto na assim chamada obra histórica do deuteronomista, Deuteronomio — 2º Reis. Finalmente o trecho mais longo é abrangido na assim chamada obra histórica do cronista, de Adão até a época do autor, por volta de 450 a.C., 1º Crônicas — Neemias. Quem quer se ocupar com a compreensão de História de Israel, precisa, portanto, partir primariamente destas obras históricas. Ainda assim isto não daria um quadro completo. A idéia principal da compreensão veto-testamentária de História expressa-se muito mais no assim chamado Pentateuco, Gênesis — Deuteronomio. Aqui igualmente se narra, como se se tra-

tasse de História e o israelita também nunca entendeu o Pentateuco de outra maneira, do que como uma exposição da pré-História e dos primórdios da História de Israel. Se bem que isto ainda não seja historiografia no nosso sentido, pois aqui se trata principalmente de coleções de tradições originalmente sacras e religiosas, mas que então foram compiladas sob um ponto de vista histórico-teológico bem definido. Este processo já permite reconhecer que no Velho Testamento, até em toda a Bíblia, a significação de História está intimamente ligada com a teologia. Assim, tendo em vista a Bíblia, nós podemos falar diretamente de uma teologia da História.

Finalmente, para as questões a respeito de História, também são importantes os livros dos profetas. Aqui, é verdade, só muito excepcionalmente encontramos exposição de fatos históricos, mas os livros dos profetas estão cheios de significação da História. Além disso eles também ainda são importantes porque também empregam a compreensão de História dos israelitas para a História futura.

Agora vamos considerar sucessivamente estes três grupos de livros do Velho Testamento, para nêles esclarecer mais de perto o pensamento de História veto-testamentário. Em cada um destes três grupos se distinguem, de maneira especialmente clara, alguns traços básicos.

1. O Pentateuco

Logo no começo da história da criação aparece o que chamamos de tempo. Em meio às trevas existentes Deus cria a luz. E a alternância de luz e trevas, de dia e noite, que agora começa, é o tempo. Este decurso Deus pôs em movimento, portanto ele é o Senhor do tempo. Mas é singular que a expressão «tempo» não apareça neste lugar. Basicamente nem existe em hebraico um conceito para «tempo», que corresponda à nossa noção. Para nós tempo é algo absoluto e que precede a todo acontecimento. O tempo só se torna concreto quando é preenchido com acontecimentos, com História. Assim o tempo é para nós um formulário infinitamente longo e vazio, no qual nós temos que inscrever os acontecimentos da História. O Velho Testamento não conhece este conceito abstrato, vazio, do tempo. Aqui só existe tempo «preenchido», tempo qualificado. O israelita só pode pensar em categorias de «tempo», quando algo aconteceu. Este acontecer no mundo Deus pôs em movimento pela criação. Com isto Deus é o Senhor da História. Assim, para o crer bíblico, Deus não é só o criador, por ter criado o mundo, mas ele permanece sempre o criador, porque constantemente faz algo acontecer nêle.

Porém este acontecimento causado por Deus não ocorre arbitrariamente, mas tudo acontece segundo uma ordem bem determinada. Primariamente esta ordem se torna visível de maneira muito simples nas festas, que repetidamente interrompem, como pontos culminantes, o curso do ano. Entre outros povos do Oriente Antigo eram estas festas determinadas pelo ano natural e estavam relacionadas com sementeira e ceifa. Em Israel elas significativamente já tinham recebido muito cedo outro conteúdo. Aqui se tratava sempre de acontecimen-

tos passados na História, que alguma vez Deus fizera suceder a Israel. Assim se comemorava a festa da Páscoa recordando a saída do Egito. Também na festa dos tabernáculos, no fim do ano, comemorava-se o acontecimento da libertação de Israel do Egito por Deus. Havia também a festa do Pacto, na qual se comemorava o Pacto do Sinai, ou havia uma festa da Posse da terra, na qual se agradecia a Deus por êle haver dado a Israel a terra de Canaã. Nestas festas não se tratava apenas de uma comemoração piedosa, de rememoração, de proteger do esquecimento um passado grandioso — como nos nossos dias comemorativos. Em Israel isto era bem diferente. De modo que na festa da Páscoa se vestiam trajes de viagem, como foram usados pelo antigo Israel na primeira Páscoa, pouco antes da saída do Egito. Desta maneira a comunidade reunida para a festa se transferia de volta para a situação do Êxodo, êle era quase que revivido. Com isto tornava-se a experimentar a grande e fundamental obra de salvação de Deus. Agora se estava diretamente sob a mão dêste Deus, que podia realizar atos poderosos para seu povo e, em tôdas as situações do ano seguinte, Israel poderia confiar na ajuda de Deus. Igualmente se tornava presente também a realização do Pacto do Sinai ou a doação da terra de Canaã. Desta maneira Javé anualmente renovava com êle o Pacto do Sinai e anualmente Israel recebia de nôvo a terra na qual habitava.

Havia, portanto, primordialmente três acontecimentos no passado histórico do povo de Israel, nos quais de maneira especial e fundamental Deus tinha encontrado o povo de Israel, e dêle se aproximado com uma dádiva da graça: a libertação do Egito, o Pacto em Sinai e a Posse da terra. Então se deu em Israel, e poder-se-ia dizer que os teólogos israelitas o deram, um passo importante, que mal pode ser superestimado em sua significação. Estas três primitivas tradições de fé, muito possivelmente transmitidas por diferentes tribos de Israel, foram coordenadas com uma série de acontecimentos de maneira que surgiu uma linha histórica, começando com o êxodo e terminando com a posse da terra. Esta linha histórica era uma História da Salvação, que, pela maneira como se iniciavam as três grandes festas anuais, se desenvolvia até o presente, praticamente sem quebra. Esta História da Salvação foi exposta de maneira formal em antigas confissões, p. ex. Deut. 25:5 s.:

«Um sirio errante foi meu pai e desceu ao Egito e ali foi estrangeiro com pouca gente; porém ali cresceu até vir a ser nação grande, poderosa e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram e nos oprimiram e sôbre nós puseram uma dura servidão. Então clamamos ao Senhor Deus de nossos pais e o Senhor ouviu a nossa voz e atentou para a nossa miséria e para a nossa fadiga e para a nossa opressão; e o Senhor nos tirou do Egito com mão forte e com braço estendido e com grande espanto e com sinais e com milagres; e nos trouxe a êste lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel. E eis que agora eu trago as primícias dos frutos das terras que tu, ó Senhor, me deste».

É bem verdade que aqui ainda falta a menção do Pacto no Sinai, mas posteriormente êste acontecimento também foi incorporado. Estas confissões antigas são o cerne do atual Pentateuco, no qual a História da Salvação nos tempos primitivos de Israel é agora apresentada em narrações minuciosas. Estas minuciosas narrações isoladas eram importantes para Israel, pois era necessário saber em minúcias o que havia acontecido nestes eventos fundamentais da salvação, os quais anualmente eram sempre de novo festejados da maneira acima descrita.

Agora, para identificação da compreensão de História do Israel antigo, nós podemos agrupar as seguintes afirmações:

1. Israel cria que a História, vivida no passado e constantemente revivida no presente, é uma História que seu Deus Javé realiza e faz acontecer.
2. No decorrer desta História, que é identificada por três acontecimentos salvíficos básicos — êxodo do Egito, pacto firmado no Sinai e posse da terra — Israel reconhece que seu Deus quer a salvação e o bem estar de seu povo; é uma História da Salvação.
3. Nesta História da Salvação, como ela tinha ocorrido no passado, o Israel do presente sempre se incorpora de novo, quando no decorrer do ano regularmente festeja suas grandes festas cúltricas.
4. Desta maneira, na religião do Velho Testamento, não se trata de qualquer idéia abstrata de Deus, mas de um Deus vivo, que, na História que êle mesmo forma, mostra quem êle é e o que êle quer para o seu povo.

Ainda podemos completar estas quatro afirmações, se agora olharmos para a obra histórica do deuteronomista.

2. A obra histórica do deuteronomista

Nesta obra volumosa a História de Israel é exposta desde a realização do pacto no Sinai até a destruição de Jerusalém no ano 587 a.C. Nesta exposição aparecem dois pontos característicos:

Primeiro se trata da pergunta: Como dirige Deus a História? i.é, que faz Deus para gerar os acontecimentos? A resposta que devemos dar aqui é simples: Deus dirige a História pela sua palavra. Assim tôda a exposição da História dos reis de Israel é entremeada de palavras de profetas e seu cumprimento, p.ex. 2º Sam. 7:12-13: a dinastia de Davi deve ocupar para sempre o trono em Jerusalém e o filho de Davi deve construir em Jerusalém um templo para Javé — Cumprimento em 1º Reis 8:2, onde se diz: «Javé confirmou a palavra que tinha dito», Salomão tinha subido ao trono e construído o templo; Profecia: 1º Reis 11:29ss.: um profeta diz que, por ter Salomão abandonado Javé e adorado a ídolos, o seu reino se desintegraria e seria dividido em duas partes — Cumprimento: 1º Reis 12:15: sob o filho de Salomão o reino se desintegra em duas partes, Judá e o Reino do Norte. Poderíamos apresentar ainda numerosos exemplos, mas aqui se trata apenas do que é fundamental. Pela palavra que Javé faz anunciar ao mundo pela boca do profeta, a História é conduzida para um alvo determinado. Esta palavra, que pela sua origem é palavra de Deus, «não é vazia», como é dito em Deut. 32:47, mas

nela está contido o poder para executar e realmente fazer acontecer o que ela anuncia. Por isto ela se diferencia da palavra humana que não tem este poder. Aqui nos defrontamos com o fato que já conhecemos da história da criação: «E Deus disse, haja luz e houve luz». Nós podemos, portanto, dizer: o instrumento, com que Deus põe em movimento o mecanismo da História e o dirige numa direção bem definida, é a palavra carregada de poder. Tal palavra da boca dos profetas não é só profecia, mas é sempre também o começo da realização.

Ainda precisamos examinar um segundo ponto. Esta compreensão veto-testamentária de História, como até aqui a expusemos, não é para Israel apenas um meio de tratar do seu passado. Nós já vimos como no culto atual cada um se colocava sempre de novo na História da Salvação passada. Esta compreensão de História também tinha consequências bem definidas para o comportamento do indivíduo israelita no presente. Se a História é para o povo de Israel um ato do seu Deus, que quer e realiza a salvação do seu povo, então o indivíduo israelita só deve adorar a este um Deus. Portanto, ele não deve adorar a outros deuses, os deuses dos povos vizinhos, que não podem fazer História e por isto são ídolos incapazes e sem vida, Ex. 20:2, Isaías 40:21-24. Isto seria queda do verdadeiro para o invêrdadeiro, do real para o irreal. E se o israelita experimenta a salvação do seu Deus na sua vida diária, então ele também precisa cumprir a vontade deste Deus na vida diária. Ele deve servir ao Deus que dirige a sua História. Ele não deve fazer a sua própria vontade humana, pois neste caso se colocaria contra o que o seu Deus quer e planeja. Ele contrariaria e estorvaria o plano histórico de seu Deus. Aqui nós vemos como a ligação peculiar da religião israelita com a História conduz a uma ética. Este fenômeno ergue a religião israelita muito além das religiões do Oriente Antigo, pois elas não têm uma ética. Se bem que o Velho Testamento não conhece a expressão «Ética». O que nós entendemos com esta palavra ali tem o nome de fé e obediência.

Mas aqui o homem sempre tornou a fracassar. Ele não deixou Deus dirigir, mas quis intrometer-se em tudo, ou quis outra coisa. Ele sempre tornou a contrariar e a colocar-se contra o plano histórico de Deus. Isto a Bíblia chama de descrença e desobediência. Assim o autor da obra histórica do deuteronomista apresenta a História de seu povo como a História de uma descrença e queda sempre maior. Mas quanto mais Israel se afasta de seu Deus, que quer a História da Salvação, mais ele se aproxima da perdição. Em lugar de conduzir Israel para a salvação, Deus tem de conduzi-lo para o juízo. Assim esta obra histórica termina com a destruição de Jerusalém e o começo do cativo babilônio.

Aqui nós podemos abandonar a obra histórica do deuteronomista e resumir e acrescentar, às quatro teses acima formuladas, outras três:

1. Deus dirige a História pela sua palavra, que ele faz os profetas proclamarem.
2. Da compreensão de História israelita resulta o compromisso do homem, de fazer a vontade deste Deus da História. Desta

maneira o homem se torna instrumento de Deus para a realização de seu plano histórico.

3. Mas o homem pode errar nesta tarefa pela descrença e desobediência. Com isto éle transtorna o plano da Salvação de Deus na História. A salvação planejada se transforma em juízo realizado.

A última complementação para esta teologia veto-testamentária de História, encontramos nos livros dos profetas.

3. Os livros dos profetas

Também aqui nós temos novamente dois pensamentos que seguiremos seguir brevemente. Primeiramente se trata da constatação de que a História de um povo não transcorre isoladamente. Ela resulta sempre da comunicação com outros povos. Primariamente para Israel foi uma experiência da fé — não apenas um dogma abstrato — que Javé dirige a História de Israel e a transforma em História da Salvação. Mas Israel logo devia reconhecer que Javé não pode dirigir a História de Israel, sem influir também na História dos outros povos. Assim nós também encontramos nos profetas veto-testamentários claramente representado este reconhecimento: Javé é o Senhor de toda História e cada História, que de qualquer modo transcorre no mundo, é obra do Deus de Israel. E no centro desta História universal transcorre a História de Israel, que Deus quer formar como História da Salvação.

De maneira mais clara nós deparamos com este reconhecimento, onde os poderosos reis do mundo oriental antigo simplesmente são chamados «Servos de Javé», os quais, embora eles mesmos não o soubessem, cumpriam a vontade do Deus de Israel em suas determinações. Assim o rei dos babilônios, Nabucodonosor, é chamado «Servo de Javé», Jer. 25:9; e de Ciro, o rei persa, se diz que Javé o constituiu senhor do Oriente Antigo, para que éle realizasse o plano de Deus para Israel, Isaías 44:28; 45: 1ss. Assim nós agora vemos que os profetas dilataram universalmente a fé no Deus da História. Javé não é apenas o Deus de Israel, mas fundamentalmente éle é o Deus de todo o mundo.

Ainda outro dilatamento do conceito veto-testamentário de História é característico para os profetas. Seu pensamento histórico não se dirige apenas para o passado, como encontramos principalmente no Pentateuco. Éle também não olha apenas para o presente, como se pôde reconhecer na obra histórica do deuteronomista. Característica para a teologia profética é muito mais a dimensão do futuro. Éles falam enfaticamente do alvo, para o qual se aproxima a História feita por Deus. Pois para o Velho Testamento a História não é sem fim. Nós vimos como Deus a fez começar um dia, portanto éle também a fará terminar um dia. Que alvo é este? Que pretende Deus alcançar com sua História?

Aqui nós precisamos nos reportar ao que já foi dito. Na obra histórica do deuteronomista torna-se visível como Israel não realiza a sua tarefa histórica. Não deixa Deus ser o Senhor, não faz a vontade de Deus e adora os deuses dos pagãos. Por isto

Deus precisa fazer vir, em lugar da salvação, o juízo, ou seja, o cativeiro babilônio. Esta significação histórica é essencialmente influenciada pela pregação dos profetas. Eles renovadamente anunciaram de maneira enfática este juízo, para o qual Israel é levado e pelo poder da própria palavra de Deus por eles proclamada o juízo foi introduzido. Mas este juízo sobre Israel não era o fim. Que Deus, depois de haver castigado seu povo desobediente, se retraia resignado e cruze os braços decepcionado a respeito do fracasso de seus planos, é para o Velho Testamento um pensamento irratificável. O que Deus quer, ele também realiza. Assim, para a época de após o juízo, os profetas proclamam que Deus firmará um novo pacto, mas com novos homens, com um novo Israel que não pode pecar porque já traz a vontade de Deus em seu coração, Jer. 31:31-34. Neste novo Israel Deus será Senhor e Rei, Isaías 52:7-10 e os povos da terra finalmente, reconhecerão onde está o verdadeiro Deus, a este único Deus eles finalmente se converterão e dele suplicarão conselho e instrução, Isaías 2 e então a soberania do Deus, que segundo Gên. 1 criou toda a terra e tudo que sobre ela vive, será reconhecida incontestadamente em toda parte.

Agora nós podemos encerrar e resumir o nosso tema: O Velho Testamento não pode falar de Deus, sem falar da História que Deus faz. E não pode falar de História, sem falar de Deus, pois naquilo que Deus faz na História, ele reconhece quem é Deus, como é Deus e o que ele quer. Esta História que Deus faz é exposta em seu auge e declive no Velho Testamento. Deus cria os homens para nêles ter alguém diante de si, pela salvação e bem estar de quem ele pode agir, Gên. 1 e 2. Mas o homem não se contenta com estas dádivas, mas quer ser como Deus, Gên. 3. E agora principia a linha de uma queda sempre maior com o fratricídio de Caim, Gên. 4, à desobediência que conduz ao dilúvio, até a torre de Babel, Gên. 11. Mas Deus quer libertar esta humanidade de sua desobediência. Para isto ele elege o povo de Israel, para neste povo demonstrar a toda a humanidade que ele é o Senhor, que quer o bem dos homens. Mas também Israel decai em desobediência e precisa passar primeiro pelo juízo. Então Deus começa de novo. Assim Israel o esperou. Com um novo Israel deve ser firmado um novo pacto. Neste novo Israel a humanidade deverá reconhecer a presença e soberania do único, verdadeiro Deus. E este exemplo da soberania de Deus em Israel será tão atraente para os povos da terra, que todos eles se converterão a este Deus, Isaías 2. Então a soberania de Deus sobre todo o mundo se tornará realidade e a História atingirá seu alvo.

Com este pensamento se encerra o Velho Testamento e aqui se liga o Novo Testamento, pois o Deus do Velho Testamento é o mesmo do do Novo. Assim o Novo Testamento no seu começo também relata uma ação fundamental de Deus na História. Ele faz seu filho se tornar homem no tempo do Imperador Augusto. Com este filho de Deus na terra, Cristo, começa uma nova época da História. a saber, a época do cumprimento da História da Salvação para a humanidade, a qual Deus pretendia, segundo o Velho Testamento, desde o começo. O pecado que até então tinha estorvado a Deus na realização do seu plano de salvação, é perdoado. O caráter

definitivo é tirado à morte, de modo que o mundo não pode perder-se no abismo do nada. Um novo pacto é firmado, como havia prometido o Velho Testamento, de maneira que finalmente Deus pode realizar seu plano de Salvação com um novo pacto.



BIBLIOGRAFIA

Os artigos, *Geschichte und Geschichtsauffassung im AT*, de Otto Plöger; *Geschichtsschreibung*, de Martin Noth, em RGG, 3a. edição, 1958, II volume.

Gerhard v. Rad. *Theologie des Alten Testaments*, II volume, 1960, p. 112ss.

Ludwig Köhler, *Theologie des Alten Testaments*, 2a. edição 1947, p. 76ss.